

**14256 - Relações entre a 'vida na roça' e agrobiodiversidade em comunidades rurais no Cerrado do oeste baiano**

*Relationships between 'rural life' and agrobiodiversity in rural communities in the Cerrado of western Bahia*

LÜTKEMEIER, Karin Luísa<sup>1</sup>; COSTA-NETO, Eraldo Medeiros<sup>2</sup>

1 UFBA [karinluisa@gmail.com](mailto:karinluisa@gmail.com); 2 UFBA/UEFS [eraldont@hotmail.com](mailto:eraldont@hotmail.com)

**Resumo:** A partir de uma abordagem etnoecológica e histórica, este trabalho consistiu na realização de uma etnografia em duas comunidades rurais residentes à beira do Rio de Ondas, no Cerrado do oeste baiano. O objetivo foi compreender de que forma modificam-se as relações entre a 'vida na roça' e a agrobiodiversidade com o avanço da agricultura industrial na região. A inserção em campo deu-se com a participação e observação no cotidiano dos moradores. Os dados foram sistematizados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas, com registros em diário de campo, audiovisuais e fotografias. Entre as principais modificações percebidas estão a mudança no tamanho das terras, qualidade e volume de água no rio, nos elementos da agrobiodiversidade, o crescente uso de remédios e vacinas nos animais, e de defensivos agrícolas. Ao final, foi realizada uma mostra das fotografias registradas no período de campo, com discussão e avaliação de resultados por membros da comunidade.

**Palavras-chave:** Rio de Ondas, etnoecologia, diálogo intercientífico, etnografia.

**Abstract:** From a historical and ethnoecological approach, this work consisted of an ethnographic study in two rural communities located at the edges of Rio de Ondas in the Cerrado of western Bahia State. The aim was to understand the changes in the relations between the 'rural life' and agrobiodiversity with the advance of industrial agriculture in the region. The field experiment occurred with the participation and observation of the residents' daily life. The data were organized from the semi-structured interviews, recorded in a field diary, as well as pictures and audiovisual. Among the main changes we identified: a change in the size of the land and the elements of agrobiodiversity, quality and volume of water in the river, the increasing use of drugs and vaccines on animals, and pesticides in crops. At the end, it was conducted a show of some pictures recorded from the field, with discussion and evaluation of results by community members.

**Keywords:** Rio de Ondas, ethnoecology, interscientific dialogue, ethnography.

### **Introdução**

Considerando os processos de transformação no meio rural, especialmente no oeste baiano, o intuito deste trabalho foi realizar uma etnografia em comunidades rurais da região para compreender como se modificam as relações entre a 'vida na roça' e a agrobiodiversidade. Para tanto, foi realizada uma abordagem etnoecológica, que presume "a valorização da diversidade cultural, e a tentativa de estabelecer conexões entre disciplinas e também entre estas e os saberes não-acadêmicos" (ALVES; SOUTO, 2010). Parte-se do princípio de considerar os aspectos históricos e políticos que influenciam uma dada cultura, bem como questões relacionadas à distribuição, acesso e poder que dão forma aos sistemas de conhecimento e nas práticas deles resultantes (LITTLE, 2002; NAZAREA, 1999 apud HANAZAKI, 2006).

Existem esparsas documentações sobre antigas configurações das comunidades rurais no oeste baiano. Esta região era ocupada por agricultores familiares e

pequenos pecuaristas praticando atividades primárias, tradicionais e de origem antiga, compreendidas pela ocupação tradicional de várzeas e brejos, encostas e vales, onde predominavam a pecuária solta, a roça, a pesca e o extrativismo vegetal (DINIZ, 1984). Nas comunidades Vau da Boa Esperança e Boca do Gerais, as roças eram destinadas ao cultivo da mandioca, feijão, milho e cana; a terra sempre foi trabalhada para a produção e consumo local e o que sobrava era vendido nas feiras e comércios da cidade (CARDOSO; ALMEIDA, 2011).

Após a década de 1970, o avanço da agricultura industrial coincide com a migração dos sulistas incentivada pelos programas de desenvolvimento que financiavam a produção na região dos cerrados, além do atrativo preço das terras (MORAES, 2003, p.70). As restrições ambientais também contribuem para a modificação, seja em relação ao manejo de algumas áreas como as veredas, e em relação ao uso do fogo, agora proibido. Como salientado por Machado et al (2008, p.29), “em áreas como no Cerrado brasileiro ocorreu recentemente uma ruptura dos sistemas agrícolas tradicionais, em parte pela interferência da agricultura moderna, que acarreta o desaparecimento de sistemas de cultivo e práticas socioculturais antigas”.

A pauta da agrobiodiversidade torna-se de suma importância, na medida em que esses impactos ambientais e socioeconômicos vêm à tona. “As consequências são a perda de numerosas variedades tradicionais e do conhecimento associado ao manejo dos sistemas agrícolas tradicionais. As primeiras, porque se deixa de cultivar, e o segundo, porque se interrompe sua evolução e transmissão” (LERA; CASADO, 2006, p.17).

### **Objetivo**

Espera-se atuar para valorização da agrobiodiversidade na própria comunidade e favorecer a discussão em torno das modificações na ‘vida na roça’. Assim, contribuir “para o processo de produção e armazenamento de seus próprios conhecimentos” (FRESCHI, 2010). Além disso, fomentar um diálogo intercientífico que sensibilize epistemologicamente o conhecimento científico e contribua para gerar bases para *outro* desenvolvimento na região, considerando a perspectiva local.

### **Metodologia**

As comunidades contempladas neste trabalho foram o Vau da Boa Esperança e a Boca do Gerais, nas quais os moradores realizam atividades ligadas à roça e à pecuária. As mulheres têm uma ligação estreita com a produção da tapioca e os homens com o ofício de ‘vaqueiro’, uma herança cultural. Ambas as comunidades localizam-se às margens do Rio de Ondas, município de Barreiras-BA, e compreende uma das áreas bem conservadas de Cerrado na região, em meio ao crescimento urbano e agroindustrial. Entre as paisagens encontradas, ressaltam-se as veredas e os campos úmidos, sendo o lençol freático mais superficial.

Foram contatados 38 moradores, distribuídos em 23 famílias, selecionados pelo interesse em contribuir com a pesquisa e também pela disponibilidade de tempo. A fase exploratória de campo deu-se de maio a outubro de 2012, quando foram definidos conjuntamente os objetivos da pesquisa e identificadas as pessoas com maior interesse em contribuir com o trabalho.

O enfoque etnográfico contemplou a permanência da pesquisadora na comunidade como residente durante quatro meses, de março a julho de 2013. Tratou-se de uma entrega à rotina e à participação nas várias atividades de interesse, num complexo processo de ‘aprender fazendo’, permitindo compreender com mais profundidade sentidos até então não detectados (VIERTLER, 2002).

A coleta de dados ocorreu com a participação e observação no cotidiano dos indivíduos, famílias ou espaços coletivos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Os dados foram registrados em diário de campo, em fotografias e audiovisuais. Os elementos da agrobiodiversidade foram fotografados, mas não coletados, mantendo-se os nomes dados pela comunidade aos mesmos, registrados conforme o contexto onde ocorriam, e as características mais importantes. Duas saídas de campo foram realizadas no intuito de percorrer as áreas de nascentes dos riachos, utilizados para rega e abastecimento das casas. Como fechamento do período de coleta de dados, foi realizada uma reunião para expor à comunidade local alguns resultados e proporcionar um momento de discussão.

### **Resultados e discussões**

De maneira geral, a ‘vida na roça’ nestas comunidades está fortemente relacionada a alguns elementos da agrobiodiversidade mais importantes, como a mandioca, tanto a mansa quanto a braba; o feijão-de-corda (ou gurutuba) e o feijão-carioca; o milho, muito cultivado para consumo ainda verde ou para alimentação animal, como galinhas e porcos. Diversos outros elementos estão presentes, como frutas cultivadas, frutas nativas, hortaliças, capim para o gado, mas que não são o foco de análise do presente trabalho e serão exploradas em outra ocasião. O que nos interessa aqui é de que maneira a relação com estes elementos vem se modificando ao longo do tempo e por quê.

A expansão do agronegócio em áreas de chapada afeta basicamente as fronteiras das terras dos nativos, impedindo o usufruto de áreas antes utilizadas para roça e criação de animais, como porcos e gado, ambos de raça “pé duro” (crioulas). A ocorrência de grilagem de terras na região é recorrente nessas áreas, gerando conflitos. Dificultou-se, assim, a criação de gado à solta e o número do rebanho vem diminuindo ao longo dos anos, pois o gado hoje precisa ficar mais tempo preso em currais, onde permanece na época da seca. Pelo mesmo motivo, o porco, antigamente criado nas áreas de buritizal, no qual se alimentava da amêndoa do fruto do buriti, principalmente na seca, passa a ser criado preso. Há um aumento da dedicação à atividade de cuidado com os animais, com a fome e a sede, partos e doenças.

*“Antigamente a carne de boi não fazia mal, nunca fez mal! Hoje o gado é que nem gente, só vive à base de remédio, vacina, essas coisas. Antes, gado não tomava vacina. Antes tinha muita ovelha, hoje ninguém quer ter mais trabalho.” (O., Boca do Gerais).*

Relata-se, também, que essas áreas hoje ocupadas pelas lavouras de soja e milho eram áreas em que havia muita fauna nativa, e muitas vezes, eram locais de caça. Com a destruição dessas áreas, os animais acabam encurralados e vivem cada vez

mais nas proximidades das casas e roças. Entre os animais citados, estão a onça (sussuarana), o veado-catingueiro, a paca, o tamanduá, o tatu, o jacu, a cutia.

Por sua vez, a contaminação da água do rio e a diminuição de seu volume também são atribuídas à presença dos vastos cultivos nas chapadas. A água do rio é utilizada nos pivôs centrais para irrigação à montante e a qualidade também torna-se duvidosa: eles têm consciência da quantidade de insumos que são devolvidos ao rio diariamente e já perceberam mudanças de cor e alta mortalidade de peixes.

*“Antes tinha muito, mas hoje não tem mais peixe. A gente usa água do córrego, que vem da serra, pois a água do rio já está muito poluída” (O. Boca do Gerais).*

Do ponto de vista da roça, a questão fundiária também influencia já que antes era necessário um maior volume de terras para a rotação de culturas, para que a terra fosse descansada durante alguns anos até que se voltasse a cultivar. Com o avanço das chácaras de lazer na região, a diminuição do tamanho das terras em função da grilagem, e às restrições ambientais para a abertura de novas roças, gerou um uso mais intensivo das mesmas terras, ao qual se atribui uma das causas do desgaste do solo. As terras ‘do passado’ são referidas como mais férteis, em que “não precisava colocar adubo químico”, apenas adubo de gado, e o “mantimento vinha bem”.

Hoje, a maioria dos cultivos só produz com intenso preparo do solo, correção com calcário e adubo químico. Somente a mandioca e o feijão-de-corda, são cultivos que exigem pouco insumo externo, podem ser plantados na época da chuva (de outubro a abril), produzindo bem. A semente é guardada para o plantio seguinte, assim como as manivas. Há cerca de 10 anos o milho “dente-de-burro” vem sendo substituído. Este possuía espiga e grãos grandes e como a terra era melhor, ele produzia bem. Hoje, os milhos híbridos requerem cada vez menor tempo para colheita, sendo o porte, a espiga e os grãos, menores. Antigamente colhia-se o milho em seis meses, hoje os mais rápidos colhem-se em até 90 dias. Exige preparo intensivo do solo, adubação química, pesticidas para a lagarta e irrigação. As sementes também, na maioria das vezes, são compradas anualmente, dadas poucas exceções.

A produção de rapadura e o cultivo do arroz e café já são vistos como coisas do passado. O cultivo da cana teve um papel importante no estabelecimento dessas comunidades, com o feitiço de rapadura e a cachaça. A produção da rapadura perdurou algumas décadas como um dos principais alimentos, juntamente com a mandioca e o feijão. Era armazenada e servia para o consumo e para a venda na cidade de Barreiras, levada nas cargas de jumento, animais já raros de se encontrar na comunidade atualmente.

### **Conclusão**

Os registros presentes nesse trabalho, especialmente relacionados ao foco da etnoecologia, são pioneiros na região oeste. Dessa forma, é um passo inicial de diagnóstico e interação entre academia e sociedade que podem futuramente produzir frutos através dessa cooperação. De fato, alguns elementos da agrobiodiversidade, mais adaptados às condições locais, como solo arenoso, chuva concentrada em alguns meses do ano, tanto para cultivares como para raças de

animais de criação, têm um processo produtivo com menos insumos externos, ou químicos. Os moradores denominam 'naturais' quando tratam desses produtos da agrobiodiversidade que não recebem 'remédios', 'vacinas' ou defensivos, e valorizam os mesmos para sua alimentação, relacionando nitidamente à segurança alimentar. Esses elementos seriam interessantes focos de continuidade do trabalho, podendo ser desenvolvido com o tempo alguma estratégia de valorização desses produtos, tanto internamente nas comunidades, como um ponto de agregação de valor para comercialização.

### **Agradecimentos**

À FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia) pelo fornecimento de bolsa de mestrado para o desenvolvimento da pesquisa. Ao PPGCA- Programa de pós-graduação em Ciências Ambientais ICADS/UFBA.

### **Referências**

- ALVES, A.G.C.; SOUTO, F.J.B. Etnoecologia ou etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual. In: ALVES, A.G.C.; SOUTO, F.B.; PERONI, N. (Orgs.). **Etnoecologia em perspectiva- Natureza, Cultura e Conservação**. Recife: NUPEEA. 2010. p.19-39.
- CARDOSO, E., ALMEIDA, M.G. A essência do lugar e da paisagem: um olhar sobre os beiradeiros do Rio de Ondas, Barreiras, Bahia. **Geonordeste**, Ano XXI, n.1. 2011. p.33-50.
- DINIZ, J.A. Modernização e conflito na fronteira ocidental do nordeste. **Geonordeste**. Ano 1, nº1. 1984.p.12-20.
- FRESCHI, J. M. Olhares sobre etnoecologia- para quê e para quem. In: LITTLE, Paul E. (Org.). **Conhecimentos tradicionais para o século XXI: etnografias da intercientificidade**. São Paulo: Annablume. 2010. p.183-210.
- HANAZAKI, N. Etnoecologia, etnobiologia e as interfaces entre o conhecimento científico e o conhecimento local. **Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC**. Florianópolis: UFSC. 2006. 4p.
- LERA, R. G.; CASADO, G. G. Las variedades tradicionales y el conocimiento asociado a su uso e manejo em las huertas de la vega de granada. **VII Congresso SEAE Zaragoza. Nº17**. 2006. 10p.
- LITTLE, P. E. Etnoecologia e direitos dos povos: elementos para uma nova ação indigenista. In: Lima, A.C. de S; Hoffman, M.B. **Etnodesenvolvimento e políticas públicas. Bases para uma nova política indigenista**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/LACED. 2002. p.39-47.
- MACHADO, A. T.; SANTILI, J.; MAGALHÃES, Rogério. **A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas**. Texto para discussão 34. EMBRAPA Informação Tecnológica. Brasília: DF. 2008. 98p.
- MORAES, L.S. **Diagnóstico de uso e ocupação da Bacia do Rio de Ondas-Barreiras-BA**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade Católica de Brasília. 2003. 160p.
- VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M.C.M; MING, L.C.; SILVA, S.M.P. (org.) **Métodos de Coleta e Análise de Dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPQ. 2002. p.11-29.